

Festa Junina

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

O mês de junho está marcado em todo o país pelas chamadas festas juninas, ocasiões celebrativas e alegres onde o povo brasileiro pula fogueira, solta balão e fogos de artifício, dança quadrilha e faz casamento na roça homenageando São João Batista, primo de Jesus. É sobretudo no nordeste brasileiro que essas festas têm mais importância. Pois, para os milhões de brasileiros católicos que (mormente no Nordeste) possuem a agricultura como matriz cultural, as alegrias do natal de Jesus às vezes são menos ruidosamente comemoradas do que aquelas que se manifestam por ocasião da festa do nascimento de São João, que acontece na passagem do solstício do inverno entre nós. Na Europa, este solstício, que lá acontece em dezembro, foi aproveitado na fixação da data do natal, transformando-se o carnaval religioso pagão do deus-sol na celebração do nascimento de Cristo, tido como “luz do mundo”. O problema é que os missionários na América bem tarde perceberam que estavam do outro lado do mundo e que este era “um mundo às avessas”: o calendário litúrgico acabou transposto para cá, sem a inculturação que lá se deu. E São João Batista, precursor da “luz do mundo” passou a ter sua festa celebrada no que corresponderia ao solstício de inverno, dia em que o sol, após mergulhar até o fundo das trevas, começa a emergir para iluminar de novo a toda criatura.

A verdade é que inconscientemente, movido pelo deslumbramento com a fartura que a natureza propicia pelo encontro do inverno com o sol que chega mais forte, o povo vai para o meio das ruas e faz dia santo de qualquer jeito. A guarda é externada pela espera feita em redor da fogueira (também assimilada, entre os indo-europeus, dos cultos solares), numa vigília que reúne parentes em casa a partir do meio-dia de 23 de junho, em torno das pamonhas e canjicas, licores e cafés. Mesmo espalhados pela periferia das metrópoles do sul, e contrariando as normas da aeronáutica moderna, os nordestinos manifestam a beleza da sua cultura soltando os balões coloridos dessa festa.

É por isso que as festas juninas são as maiores dessa religiosidade brasileira, que resultou da devoção aos santos trazidos pelos colonos portugueses e reverenciados nos oratórios domésticos. De fato, o catolicismo mais romanizado e paroquial, com missa dominical e vigário de batina, enfatizando a piedade e a moralidade, foi implantado com mais força em nosso país a partir de 1850. Antes disso, o catolicismo da colônia poderia se resumir na quadrinha até hoje recitada: “Muito santo; pouco padre. Muita reza; pouca missa”

Não houve uma inculturação como seria de desejar, pois a evangelização dos bispos romanizadores colocou-se no lugar do catolicismo dos leigos, trazendo congregações missionárias e santos e festas que combatiam o liberalismo europeu (como a coroação de Nossa Senhora e a entronização do Coração de Jesus) para substituírem as folias de reis e do divino, procissões das almas e as festas juninas. Estas perderam destaque na liturgia oficial das igrejas.

O povo, embora acolhendo respeitosamente os santos católicos trazidos pelos missionários europeus, não deixou de festejar seus santos. E passou a fazê-lo na rua

mesmo. E mais: as festas juninas incorporaram as quadrilhas (valsas européias que são marcadas ainda em “francês” no interior do Nordeste) para celebrarem com alegria telúrica o prazer de corpos quentes que se enlaçam, celebrarem com rojões a bandeira de um feroso São João. Elas principiam com o “casamento matuto”, que brinca teatralmente com a família tradicional e questiona as autoridades sociais (o delegado é bêbado, o prefeito tonto, o vigário é vigarista), evocando a possibilidade de novas relações, a saudade-esperança de ruas tomadas por um povo dançante, bem alimentado pelo milho e aquecido pelas fogueiras.

Tudo isso pode estar desaparecendo na sociedade do espetáculo, que se urbaniza e mecaniza. Mas fica a lição: ao anunciarmos a santidade em Jesus Cristo, precisamos considerar a cultura e a saúde do povo – que do contrário fica mesmo é com São João do carneirinho, protetor do roçado e do rebanho, e com seus colegas Antônio e Pedro, encarregados de arrumarem casamento e casa. Através deles se busca soluções extraordinárias e individuais para as ameaças sofridas por parte da natureza ou dos poderosos. Mas o recurso mágico ao santo pode também ser seguimento da sua vida exemplar e libertadora. A língua de profeta que disse na cara do rei Herodes “Não te é lícito” e por isso perdeu a cabeça serve de exemplo de santidade. Precisamos estar junto ao povo e ajudá-lo a descobrir a passagem da dependência do milagre “sobrenatural” que traz benefício do “santo”, para a crença na possibilidade de sermos igualmente “santos” e capazes de fazer das nossas vidas um milagre “mais-que-natural” para a vida dos outros – pelo amor, que é (de) Deus! E disso São João é testemunha.

Muitos se preocupam com o fato de o catolicismo brasileiro valorizar aparentemente mais os santos e a Virgem Maria do que o próprio Jesus Cristo, Filho de Deus e Deus mesmo. Porém isso reside em um problema que é mais prático que teórico ou doutrinal. Trata-se da maneira como foi assimilado o catolicismo transmitido de maneira talvez pouco inculturada em nossa Terra de Santa Cruz.

O papa Paulo VI, referindo-se à modernidade européia, declarou que “a ruptura entre o evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época” (EN20). Mais dramática seria a constatação papal se ele falasse desde a América, onde nem ruptura haverá propriamente, posto que nunca houve muito amálgama entre a boa-notícia cristã e nossas culturas caboclas. As festas juninas, em torno do senhor São João principalmente, ensejam que reflitamos sobre a necessidade de inculturação litúrgica, doutrinal e ministerial da fé cristã na Igreja deste continente e na vida do seu povo.

Não é à toa que Antonio Sepp, jesuíta da redução do Japeju, em carta escrita a Portugal em 1692, diz: “A América é um mundo às avessas (...). O vento norte gélido da Europa é aqui bem morno. Tudo às avessas. Enquanto estou escrevendo, pela passagem da festa de São João, estamos no meio do inverno (...). Em dezembro e janeiro, quando na Europa tudo gela, comemos figos e colhemos lírios. Numa palavra, tudo aqui é diferente (...). A diferença está em nós mesmos, que precisamos modificar nosso conceito”

Dedico este artigo ao Prof. Dr. Gilbraz Aragão, da UNICAP de Recife, que me chamou a atenção para este aspecto das festas juninas. A ele devo inclusive boa parte da intuição e conteúdo deste texto.